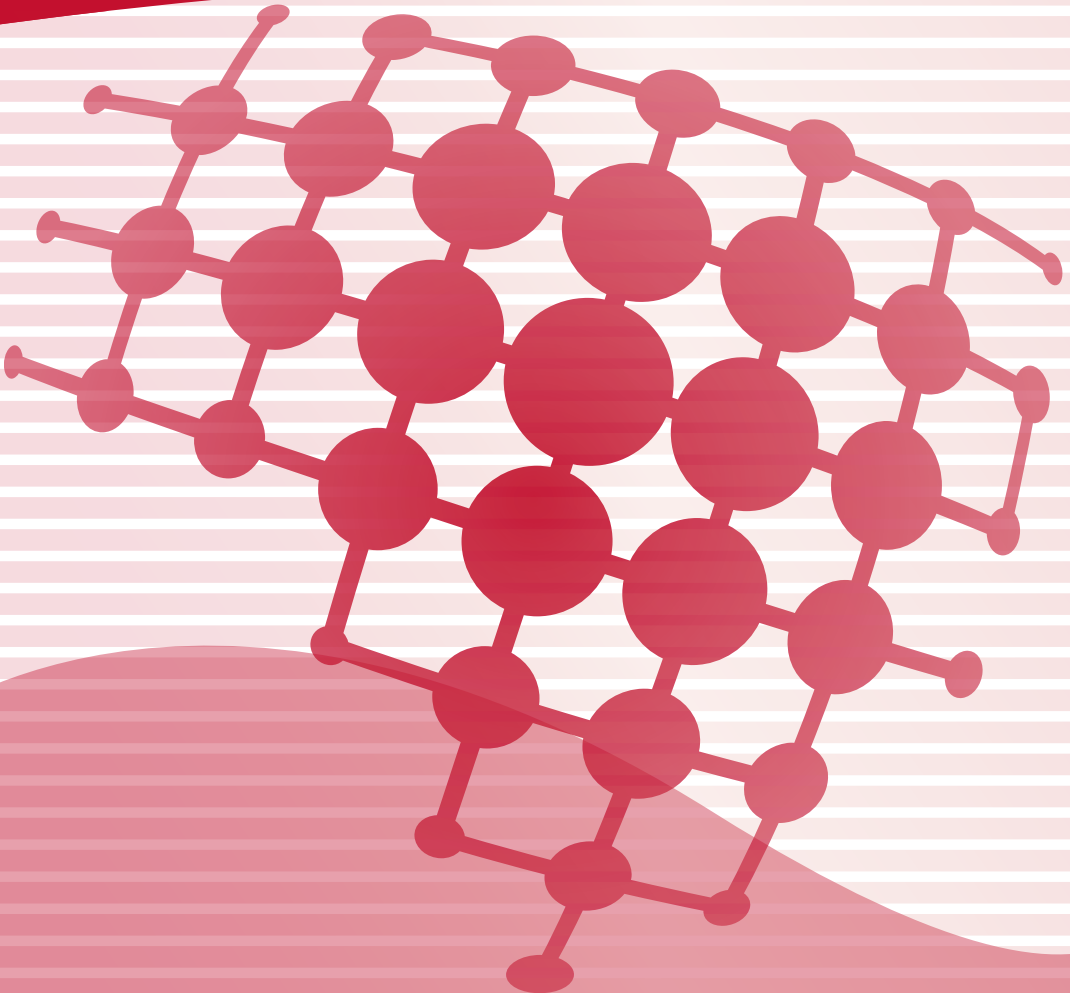


UnA-SUS

Gestão da Assistência Farmacêutica

Especialização a distância



Módulo Transversal 2:
Trabalho de conclusão de curso

METODOLOGIA DE PESQUISA

MÓDULO
TRANSVERSAL 2

GOVERNO FEDERAL

Presidente da República Dilma Vana Rousseff

Ministro da Saúde Alexandre Rocha Santos Padilha

Secretário de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) Milton de Arruda Martins

Diretor do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES/SGTES) Sigisfredo Luis Brenelli

Secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (SCTIE) Carlos Augusto Grabois Gadelha

Diretor do Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos (DAF/SCTIE) José

Miguel do Nascimento Júnior

Responsável Técnico pelo projeto UnA-SUS Francisco Eduardo de Campos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor Álvaro Toubes Prata

Vice-Reitor Carlos Alberto Justo da Silva

Pró-Reitora de Pós-Graduação Maria Lúcia de Barros Camargo

Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão Débora Peres Menezes

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Diretora Kenya Schmidt Reibnitz

Vice-Diretor Arício Treitinger

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS

Chefe do Departamento Rosane Maria Budal

Subchefe do Departamento Flávio Henrique Reginatto

Coordenadora do Curso Mareni Rocha Farias

COORDENAÇÃO DO PROJETO JUNTO AO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Coordenador Geral Carlos Alberto Justo da Silva

Coordenadora Executiva Kenya Schmidt Reibnitz

COMISSÃO GESTORA

Coordenadora do Curso Mareni Rocha Farias

Coordenadora Pedagógica Eliana Elisabeth Diehl

Coordenadora de Tutoria Rosana Isabel dos Santos

Coordenadora de Regionalização Silvana Nair Leite

Coordenador do Trabalho de Conclusão de Curso Luciano Soares

EQUIPE EaD

Alexandre Luiz Pereira

Bernd Heinrich Storb

Fabiola Bagatini

Fernanda Manzini

Gelso Luiz Borba Junior

Guilherme Daniel Pupo

Kaite Cristiane Peres

Marcelo Campese

Blenda de Campos Rodrigues (Assessora Técnico-Pedagógica em EaD)

AUTOR

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

© 2011. Todos os direitos de reprodução são reservados à Universidade Federal de Santa Catarina. Somente será permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte.

Edição, distribuição e informações:

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário 88040-900 Trindade – Florianópolis - SC

Disponível em: www.unasus.ufsc.br

EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL

Coordenação Geral da Equipe Eleonora Milano Falcão Vieira e Marialice de Moraes

Coordenação de Design Instrucional Andreia Mara Fiala

Design Instrucional Márcia Melo Bortolato

Revisão Textual Judith Terezinha Muller Lohn

Coordenadora de Produção Giovana Schuelter

Design Gráfico Patrícia Cella Azzolini

Ilustrações Felipe Augusto Franke

Design de Capa André Rodrigues da Silva, Felipe Augusto Franke, Rafaella Volkmann Paschoal

Projeto Editorial André Rodrigues da Silva, Felipe Augusto Franke, Rafaella Volkmann Paschoal

Ilustração Capa Ivan Jerônimo Iguti da Silva

SUMÁRIO

UNIDADE 1 - METODOLOGIA DA PESQUISA	09
Lição 1 – Ciência e o cotidiano	11
Lição 2 – Os principais métodos de investigação científica	21
Lição 3 – A leitura como ferramenta inicial do pesquisador.....	25
Lição 4 – O tema de interesse e o problema de pesquisa.....	30
Lição 5 – Estruturando o projeto de pesquisa.....	35
Lição 6 – Técnicas de pesquisa em saúde	39
Lição 7 – As técnicas de coleta e de análise de informações em pesquisa	43
REFERÊNCIAS.....	53

APRESENTAÇÃO DO MÓDULO

Prezado especializando,

Você inicia o Módulo de Trabalho de conclusão de curso e novas dúvidas devem ter surgido nesta etapa do curso. A principal questão deve ser: como este Módulo contribuirá para minha formação nesta pós-graduação? Vamos dialogar sobre isso, então!

Por que tenho que saber sobre a pesquisa e a ciência?

Se considerarmos que a ciência é uma tentativa de dar maior eficácia às nossas observações, ela passa a nos interessar como um meio para transformar a realidade. Espere: **transformar a realidade tem a ver com a sua motivação para fazer essa especialização?**

Você já parou para pensar como há muito mais conhecimento sobre os temas de que tratamos do que aquele apresentado nas unidades? Por mais que nos esforcemos para proporcionar uma abordagem ampla, o conhecimento que chega a você é uma fração daquilo que existe. Esse saber é fruto de escolhas que fizemos de acordo com nosso tempo, ideologia, convicções e experiências e ele ajuda a modelar nossa realidade. Especializando, a ciência é um meio para você libertar sua curiosidade!

Mas a Metodologia da pesquisa é para eu aprender a fazer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), não é?

O TCC ajudará você a conhecer melhor o problema priorizado em sua realidade, a partir do Plano Operativo. Embora a revisão da literatura que você vai elaborar, sob orientação de um professor, empregue a abordagem científica, este Módulo tem sentido mais amplo e visa instrumentalizar seu caminho na gestão, aprimorando seu sentido crítico e senso ético. Se você já tem uma ideia de aonde quer chegar, use a ciência como a estrada de tijolos amarelos (como no Mágico de Oz, um filme antigo, mas que dá uma excelente ideia sobre a importância de reconhecer caminhos sustentáveis para nossos projetos e dos aliados mais improváveis) para um caminho mais consciente. Essa estrada o ajuda a prosseguir e a descobrir cedo o valor dos aliados.

Será que a pesquisa cabe no meu dia a dia?

O mais importante é que você desenvolva o espírito curioso e sistemático da ciência. Ao conhecer tipos de pesquisa e de

abordagem, as metodologias e sua natureza, a leitura da literatura científica e sua avaliação criteriosa, os instrumentos para coleta de dados e as formas de análise já experimentadas, você entra em contato com um mundo de possibilidades que podem ajudar a modificar/redimensionar seu dia a dia.

Atente que a proposta desse Módulo não é transformar você em um cientista, mas, sim, transformar a ciência e suas práticas. A ciência também é definida pelo uso que se faz dela. Historicamente, ela influenciou a sociedade e sua tradição foi afetada por fatores político-culturais. Nossa concepção de ciência envolve você, o farmacêutico do Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, já na apresentação, você descobre que este Módulo é um pacto. O trato é garantir que a extensão da formação para gestão da assistência farmacêutica vá além de agregar novos conhecimentos à prática profissional. Usamos o efêmero (diz-se daquilo que é breve, passageiro, transitório) conhecimento científico para produzir a mudança permanente. Se tiver novas questões, pergunte! Sua curiosidade é o combustível do Módulo e a chama do curso!

Objetivos gerais de aprendizagem

Esse Módulo busca estabelecer as virtudes e os limites da ciência na prática profissional, assumindo que esse conhecimento representa a oportunidade para empregar de forma mais consistente os princípios científicos na gestão da assistência farmacêutica.

Assim, ao completar o Módulo, o especializando deve ser capaz de reconhecer a aplicação do método científico no contexto da gestão da assistência farmacêutica e ampliar o olhar sobre a realidade do seu território, contribuindo para o desenvolvimento do TCC e de sua atividade profissional.

Carga horária: 75 horas*.

*A carga horária referente ao módulo está distribuída entre a unidade 1, os encontros presenciais e a elaboração e apresentação do trabalho de conclusão de curso.

Unidade:

Unidade 1: Metodologia da pesquisa

UNIDADE 1

MÓDULO
TRANSVERSAL 2

UNIDADE 1 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Ementa da unidade

- Conceitos fundamentais sobre investigação científica
- Os principais métodos de investigação científica
- A leitura como ferramenta inicial do pesquisador
- O tema de interesse e o problema de pesquisa
- Estruturando o projeto de pesquisa
- Técnicas de pesquisa em saúde
- As técnicas de coleta e de análise de informações em pesquisa

Carga horária da unidade: 15 horas.

Objetivos específicos de aprendizagem

- Conhecer os principais fundamentos históricos da ciência contemporânea.
- Aprofundar o conhecimento em relação aos aspectos particulares das abordagens de pesquisas quantitativas, qualitativas e laboratoriais de tal forma que possa compará-las e perceber suas implicações.
- Identificar os níveis de leitura necessários para a construção de um projeto de pesquisa e compreender que a leitura é um fundamento prévio para essa construção.
- Definir tema e problema de uma pesquisa.
- Elaborar as partes fundamentais de um projeto de pesquisa.
- Diferenciar métodos, técnicas de coleta e de análise em pesquisa qualitativa.
- Conhecer as principais técnicas de coleta de informações e as técnicas de análise de informações em pesquisa qualitativa.

Apresentação

Caro especializando,

Nesta unidade discutiremos sobre pesquisa científica. A despeito da aparente distância do “mundo científico” com o cotidiano da gestão de assistência farmacêutica, essa dissociação é apenas ilusória. Ciência se faz no dia a dia e para a vida prática, um pensamento cada vez mais defendido nos ambientes acadêmicos. O silêncio em relação ao “mundo não-científico” foi profundamente questionado na metade do século XX, conforme a sociedade foi se tornando mais crítica em relação à quanto a ciência pela ciência é justificada.

Outro aspecto importante é que o presente conteúdo tem algumas finalidades claras e específicas. Obviamente, uma delas é instrumentalizá-lo para pensar sobre pesquisa e ciência. Muito maior que essa intenção, ao construirmos o presente conteúdo, nos preocupamos principalmente em lhe dar autonomia.

Mas, em que sentido dizemos isso? No sentido de desmistificar alguns conceitos errôneos que permeiam o pensamento sobre o “fazer pesquisa”, “quem faz pesquisa” e o “porquê de fazer pesquisa”, caminhando em direção a aproximá-lo dessa importante ferramenta de transformação social (se utilizada para esse fim).

Bom estudo!

Conteudista responsável:

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Conteudista de referência:

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Conteudistas de gestão:

Silvana Nair Leite
Maria do Carmo Lessa Guimarães

ENTRANDO NO ASSUNTO

Lição 1 - Ciência e o cotidiano

Ao final dos estudos desta lição você deverá estar instrumentalizado acerca das relações dos tipos de pesquisa com o cotidiano.

Falar de pesquisa sempre é um assunto que desperta tanto interesse quanto certa ansiedade, sensação comumente causada pelo desconhecimento de como se conduzir uma pesquisa. Os profissionais de saúde, oriundos de uma área de ciência aplicada, estão acostumados a conhecer, debater e usar produtos advindos de processos de desenvolvimento científicos, mas não estão muito familiarizados com os métodos de pesquisa.

Em termos de políticas públicas e gestão em saúde, o avanço do conhecimento científico no século XX foi significativo o suficiente para pautar nossas ações e sustentar nossos debates. No entanto, há certo condicionamento no senso comum de que a ciência é apenas a atividade desenvolvida em laboratórios e sob protocolos rígidos, o que foge das suas prerrogativas originais, ou seja, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da sociedade.

No sentido de desmitificar o conhecimento científico, buscando tornar a atividade de pesquisa aplicável ao dia a dia da gestão da assistência farmacêutica, o presente conteúdo foi desenvolvido. O objetivo deste conteúdo não é apenas instrumentalizá-lo, mas também desenvolver um pensamento crítico em relação aos diversos aspectos do método científico e de suas técnicas de coleta de informações. Assim sendo, esse conteúdo permite a aproximação entre a gestão da assistência farmacêutica e o pensamento pautado no que está à nossa disposição na ciência atual.

Em qualquer atividade de pesquisa, o objetivo do pesquisador é descobrir algo sobre alguma coisa. Isso pode ser feito de diferentes maneiras, conforme veremos nessa unidade.

Ciência e método científico

A ciência é uma atividade desenvolvida pelos seres humanos para tentar compreender o mundo que os rodeia. Em termos práticos, ela envolve dois aspectos peculiares: (1) a construção de conhecimento por meio dos resultados oriundos dos diversos métodos e/ou das técnicas de investigação (DEMO, 1996); e (2) a compreensão das relações entre os fenômenos no “nosso mundo”, como finalidade última (GIL, 1995).

A ciência parte do pressuposto de que o tema ao qual nos dedicamos a pesquisar é direta ou indiretamente observável. Isso porque as raízes do pensamento científico estão na observação, seja pela mensuração ou não de fenômenos, permitindo verificar, tirar conclusões e descrever uma observação em particular.

Essa forma de fazer ciência é peculiar aos estudos epidemiológicos e ensaios clínicos. Desenvolver ciência baseia-se no raciocínio indutivo, ou seja, na generalização ou conclusão sumarizada de várias observações simultâneas e que levam a evidências. Por exemplo, a observação de células em todos os organismos levou à conclusão de que todos os organismos são feitos de células.



Reflexão

É importante perceber que, quando se lida com processos em sociedade, como no caso da gestão da assistência farmacêutica, essa perspectiva nem sempre é útil para todos os fenômenos.

Pobreza, doença, acesso aos serviços são fenômenos que possuem múltiplos fatores, dinâmicos e modulados pela sociedade em que se insere, o que torna insuficiente a ciência anteriormente discutida, pela própria natureza dos fenômenos sociais. Importantes fatores institucionais levam a relações complexas nos serviços de saúde, entre o social e o político. Essa relação entre política e sociedade, se devidamente investigada, pode contribuir para uma sociedade melhor.

Uma ciência que se separa do mundo social tem pouca relevância porque ninguém empregará diretamente os conhecimentos científicos para melhoria da prática vivenciada. Essa outra abordagem da ciência – mais social – analisa o fenômeno confrontado-o com questões sobre o papel que ele tem frente a uma determinada ideologia ou em desafios à ideologia.

Um exemplo de como a ciência está implicada na gestão da assistência farmacêutica pode ser encontrado na temática do uso racional de medicamentos. A medicamentação social é um processo

vivenciado atualmente, no qual não apenas os profissionais de saúde tomam o medicamento como a principal ferramenta para o cuidado, como os próprios usuários habituaram-se a essa perspectiva.



Reflexão

Pensemos agora: o que indica a escolha terapêutica adequada de um fármaco? Por quais parâmetros pode-se afirmar que uma indicação é apropriada?

Podemos pautar nossa avaliação das evidências científicas a partir apenas da ciência biomédica e de seus achados, oriundos dos estudos laboratoriais. No entanto, os estudos clínicos baseiam-se na experiência dos indivíduos que participam das pesquisas – grande parte desses estudos ocorrem em países com contextos socioculturais diferentes do Brasil.

Nesse sentido, o conhecimento do perfil epidemiológico de uma população, utilizando métodos quantitativos, será imprescindível para o gestor da assistência farmacêutica, principalmente, devido ao fato de que não apenas o corpo biológico deve ser objeto das decisões, mas também o quanto uma decisão tem impacto na sociedade.

Um exemplo claro desse debate é o tema que trata do fornecimento judicial de medicamentos aos usuários, que perpassa muito mais o âmbito jurídico em suas discussões, do que propriamente o biológico ou o de gestão pura.

Paralelamente a toda essa discussão de caráter mais biológico, não podemos esquecer que o fenômeno da doença e, em decorrência, o uso de medicamentos apresentam significado sociocultural. Também os processos de trabalho e organização dos serviços de gestão da assistência farmacêutica fundamentam-se não apenas no medicamento e na dispensação em si, mas também nas relações sociais e humanas, entre os trabalhadores, gestores e usuários dos serviços. Nessa perspectiva, as metodologias qualitativas apresentam o suporte científico necessário para a investigação e o entendimento dos fenômenos.

O Sistema Único de Saúde baseia-se em pelo menos três fundamentos ideológicos: todos os cidadãos devem ter acesso à saúde garantido pelo Estado (Universalidade); todos os cidadãos serão atendidos conforme suas necessidades, considerando suas vulnerabilidades sociais e peculiaridades de saúde (Equidade); e saúde é mais que um organismo biológico, pois se refere ao ser humano em seu aspecto biopsicossocial (Integralidade).

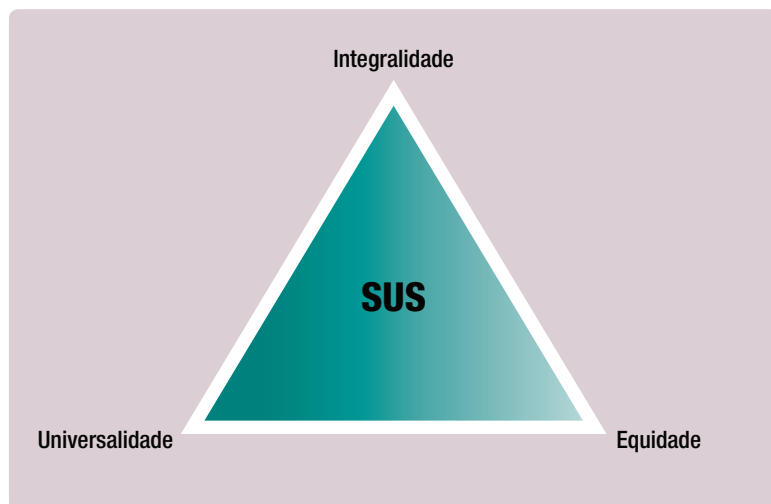


Figura 1: Fundamentos ideológicos do SUS.

Paralelamente, existem políticas de saúde específicas que operacionalizam esses aspectos.



Reflexão

A gestão da assistência farmacêutica é, portanto, um campo fértil para pesquisas. Pense no seu próprio dia a dia, no serviço de saúde em que você se insere. Diversas dessas questões são cotidianas e permitem investigações científicas.

Falando em gestão

Mas para que, afinal, um profissional da assistência farmacêutica (em qualquer nível de gestão) vai empenhar seu tempo e sua energia com pesquisas? Para que isso vai servir?

Bom, vamos pensar no que envolve o processo de gestão. Você deve ter percebido que vários processos relacionados à gestão necessitam de algum tipo de informação. Fica mais fácil identificar essa necessidade quando é preciso tomar uma decisão. Essas informações podem e devem ser geradas e ouvidas a partir de diversas fontes (e quanto mais diversificadas as fontes, melhor!), tais como: comentários, conversas formais ou informais, reuniões, bases de dados do sistema de saúde, sistemas próprios de gestão, bem como publicações técnicas, científicas e/ou oficiais, que incluem, muitas vezes, resultados de pesquisas. Todas essas fontes são importantes e trazem elementos essenciais para o fazer gestão; são complementares entre si, e têm formas de serem empregadas e situações em que cada tipo tem mais valor. É fundamental para a gestão conhecer e utilizar todas essas fontes a favor de seu projeto de governo.

Quando falamos de metodologia de pesquisa, de produção científica, ao menos três situações interessam especialmente para a gestão:

1. A utilização dos dados gerados pelos sistemas de informação: os dados relativos à situação de saúde e as ações desenvolvidas pelos serviços, estados e municípios são, respectivamente, coletados e consolidados com base nos sistemas de informações organizados, em nível nacional, pelo DATASUS. Esses sistemas geram dados de diversas naturezas (morbidade, mortalidade, aplicação de recursos, monitoramento). Apesar de muito conhecidos, os dados compilados nesses sistemas nem sempre são transformados em informação. Ou seja, muitas vezes não informam nada a ninguém, só existem por existir, por formalidade ou burocracia vazia. Um estudo sobre a utilização dessas informações em municípios do Rio Grande do Sul concluiu que os sistemas mais alimentados são os relativos ao financiamento (que podem dificultar os repasses) e que grande parcela dos dados não são utilizados pelos gestores de saúde para construir indicadores úteis, que ajudem a tomar decisões locais. A falta de profissionais aptos para trabalhar com as fontes dos dados é um dos motivos apontados (VIDOR *et al*, 2011). É, portanto, fundamental, se apropriar desses dados, fazer deles informações que subsidiem o processo de gestão. São informações válidas, aceitas; que já partem de uma coleta de dados pré-estabelecida e não dependem de novos investimentos.

Falando em gestão

2. A utilização de informações geradas por pesquisas de terceiros: no Brasil, a produção científica na área da assistência farmacêutica tem crescido de forma acelerada, acompanhando os investimentos mais recentes, tanto financeiros quanto de qualificação da área. Isso se reflete nas publicações disponíveis: artigos em bases de dados como Scielo (www.scielo.br), dissertações e teses em diversos programas de pós-graduação e resumos publicados em congressos nas áreas de Farmácia e de Saúde Coletiva. As pesquisas publicadas trazem informações interessantes para além daquelas que os bancos de dados dos sistemas oficiais podem oferecer: avançam nas variáveis avaliadas, nas análises realizadas, assim como abrem um olhar muito mais aprofundado sobre questões em foco, com estudos qualitativos. O problema é o distanciamento que ainda há entre a produção acadêmica e a prática dos serviços: um não se considera aliado do outro, e os dois saem perdendo! Para o farmacêutico, compreender as metodologias aplicadas, as análises realizadas e os resultados apresentados constitui-se na chave para poder utilizá-los como ferramentas para a gestão. Esses resultados de pesquisas publicados já passaram por algum crivo científico, já podem ser considerados informação válida e, muitas vezes, trazem alguma informação que pode sustentar uma decisão, uma argumentação, uma carta a mais no processo de negociação.
3. A geração de dados relevantes para o processo de gestão: todos nós, defensores do SUS e do nosso papel nesse sistema e na sociedade, cometemos, em algum momento, alguns “pecados” na argumentação, nos valendo apenas de afirmações panfletárias e pouco elucidativas. Muitas vezes afirmamos que tem que ter farmacêutico nos serviços, porque tem e pronto! Isso não é argumento! Tampouco hoje podemos nos assegurar apenas nas prerrogativas legais: elas precisam de justificativas práticas, ou são passíveis de descrédito por força de ações judiciais. Podemos citar um exemplo bem atual: quais argumentos sustentam a defesa da entrega dos medicamentos pelos correios ou outras formas de *delivery*? E quais sustentam a necessidade de garantir a dispensação em unidades de saúde com supervisão de farmacêuticos? Recordemos que são os resultados que interessam quando somos avaliados, e é nesse sentido que precisamos estar preparados para a argumentação. Pois bem, se esse for o problema que a gestão do serviço tem para resolver, nada melhor que gerar dados que embasem a decisão, que iluminem argumentos contundentes, os quais possam ser utilizados com a força de ser uma informação cientificamente válida.

Falando em gestão

Um projeto piloto, monitorado por dados que avaliem seus resultados e os compare com o modelo tradicional de dispensação, pode ser uma forma de gerar os dados necessários. Para tanto, é necessário apropriar-se dos métodos, das formas de construção da informação para aplicá-los na realidade do serviço de saúde.

Ciência e seus métodos, portanto, precisam ser reconhecidos e utilizados a favor da gestão. Não tenha dúvida: ter e saber utilizar informação é ter poder. E identificar e mobilizar poder é um requisito fundamental para a gestão.

As principais abordagens em ciência

A pesquisa é caracterizada pelo surgimento de um conhecimento ou de uma teoria derivada dos resultados de determinada observação ou experimento. Para isso, o caminho da pesquisa segue um ordenamento ou sequenciamento, que garante um caráter organizado/sistematizado. Para Cresswell (2005), pesquisar “envolve uma investigação sistemática de uma experiência que deve ser tanto cética como ética”. Esse mesmo autor descreve separadamente as etapas que compõem uma pesquisa. Veja a seguir:

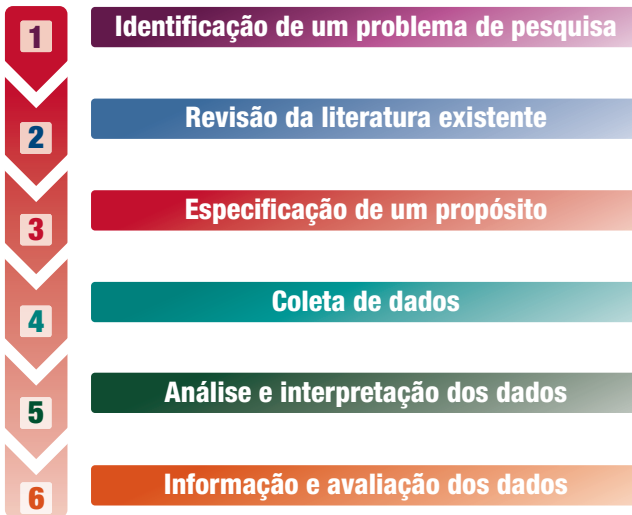


Figura 2: Etapas que compõem uma pesquisa.

Geralmente, um problema de pesquisa é formulado a partir de algum tema de interesse prático, cujo conhecimento, que surgirá da pesquisa, auxiliará a melhorar ou resolver determinada situação. Trata-se do tema de uma forma geral.

Determinado o problema de pesquisa, em seguida, o pesquisador identifica diferentes propósitos e aplicações. Relacionadas a estas, o pesquisador planeja a coleta de dados que ocorrerão e como serão analisados, para responder aos seus objetivos. Em alguns casos, o pesquisador tem uma teoria que pretende testar, em outros casos, o pesquisador parte da observação de um fenômeno para desenvolver uma teoria a respeito. Essas duas abordagens são, por vezes, referidas como normativas e não-normativas - ou dedutiva e indutiva - respectivamente.

Veja o desdobramento desse processo na imagem apresentada a seguir:

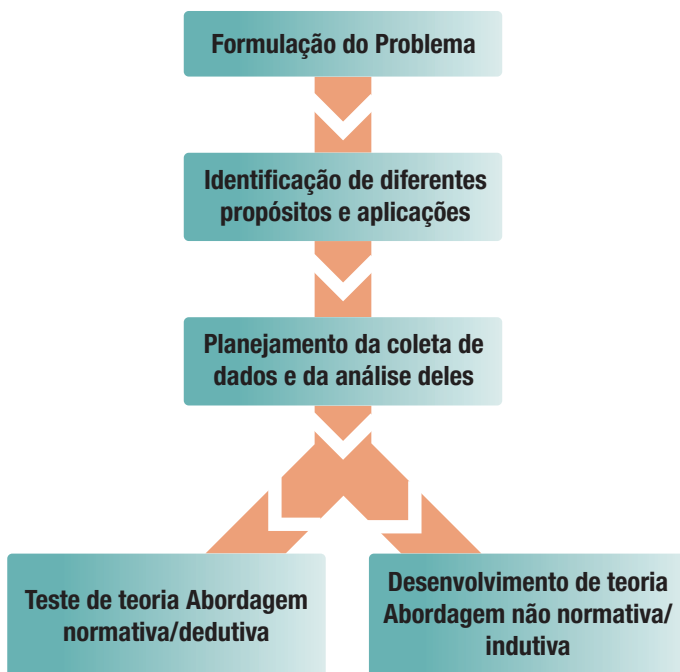


Figura 3: Etapas de uma investigação científica

É comum combinar esses dois estilos de abordagens no processo de investigação. A pesquisa normativa utiliza-se de métodos quantitativos, enquanto a não-normativa refere-se mais aos métodos qualitativos, podendo haver articulação entre ambas (COHEN; MANION, 1994).

Nas pesquisas quantitativas o processo visa testar uma teoria, relacionando as variáveis independentes com as variáveis dependentes, em um ambiente controlado. Pesquisas epidemiológicas e experimentos utilizam comumente métodos quantitativos. Já nas pesquisas qualitativas, o importante é entender os processos que originam aquele tema que se está investigando.

Costuma-se dizer (erroneamente) que a pesquisa qualitativa é qualquer pesquisa que não inclui os números. No entanto, essa não é uma boa definição, pois é a abordagem na coleta e análise de dados que difere ambas as formas de investigação e não seus resultados.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo explorar, descobrir, compreender ou descrever fenômenos que já foram identificados, mas não estão bem compreendidos. As ferramentas usadas para a pesquisa qualitativa incluem observações e entrevistas, instrumentos que detalharemos nas próximas lições. Em termos metodológicos, a principal ferramenta desse tipo de pesquisa é a interpretação social do tema investigado. Na pesquisa qualitativa, as teorias são, muitas vezes, “o fundamento” dos dados; e as técnicas de coleta de dados são utilizadas para auxiliar na interpretação e no entendimento das interações sociais e dos fenômenos.

A tabela a seguir sintetiza as diferenças entre as pesquisas quantitativas e qualitativas.

Tabela 1: Diferenças entre pesquisas quantitativas e qualitativas

MÉTODOS QUALITATIVOS	MÉTODOS QUANTITATIVOS
O objetivo é levantar o processo, descrição detalhada.	O objetivo é classificar os recursos, contá-los e construir modelos estatísticos na tentativa de explicar o que é observado.
O pesquisador só pode saber mais ou menos, de antecedência, o que está procurando, mas achados imprevistos são habituais.	O pesquisador sabe claramente, de antemão, o que está procurando.
Recomendado durante as fases iniciais de projetos de pesquisa, em fenômenos pouco conhecidos ou naqueles cuja mensuração não retrata bem a realidade.	Recomendado durante as fases finais de projetos de pesquisa, em fenômenos bem delimitados cuja mensuração retrata bem a realidade.
Mudanças no transcurso do projeto surgem conforme o estudo se desenrola.	Todos os aspectos do estudo são cuidadosamente projetados antes que os dados sejam coletados.
O pesquisador é o instrumento de coleta de dados, prevendo algumas respostas, mas aberto a como os sujeitos percebem o fenômeno.	O pesquisador usa ferramentas, tais como questionários ou equipamentos de coleta de dados numéricos, prevendo todas as respostas dos sujeitos.

continua...

continuação...

MÉTODOS QUALITATIVOS	MÉTODOS QUANTITATIVOS
Os dados estão na forma de palavras, imagens ou objetos.	Os dados estão na forma de números e estatísticas.
Subjetivo - a interpretação dos eventos é importante, por exemplo, utiliza a observação participante, entrevistas em profundidade etc.	Objetivo - visa a medição precisa e a análise dos conceitos de referência, por exemplo, utiliza pesquisas, questionários etc.
Os dados qualitativos são mais "ricos", consomem mais tempo para serem levantados e analisados, e são menos capazes de generalização.	Os dados quantitativos são capazes de testar hipóteses, mas podem perder detalhes contextuais.
O pesquisador tende a se tornar subjetivamente imerso no assunto.	O pesquisador tende a permanecer objetivamente separado do assunto.

Fonte: Adaptado de MILES; HUBERMAN. Qualitative Data Analysis, 1994, p. 40.

E assim chegamos ao fim desta primeira lição, na qual apresentamos um panorama geral, tanto da importância como dos principais caminhos da investigação científica, em sua articulação com a saúde.

No âmbito do presente curso, é fundamental que não tomemos a ciência como um simples exercício teórico ou acadêmico. Longe disso, fazer ciência é um ato que se relaciona com a vida vivida, tanto entre aqueles que recebem seus produtos e processos, como para aqueles que a utilizam para aprimorar o dia a dia nos serviços de saúde.

Esperamos que essa visão desmitificada da investigação científica tenha ficado clara, do mesmo modo que clara também tenha ficado a proximidade dela com o seu próprio cotidiano.

Lição 2 - Os principais métodos de investigação científica

Organizamos os conteúdos desta lição de forma que você possa, ao final deste estudo, ter aprofundado seus conhecimentos com relação aos aspectos particulares das abordagens de pesquisas quantitativas, qualitativas e laboratoriais, de tal forma que possa compará-las e perceber suas implicações.

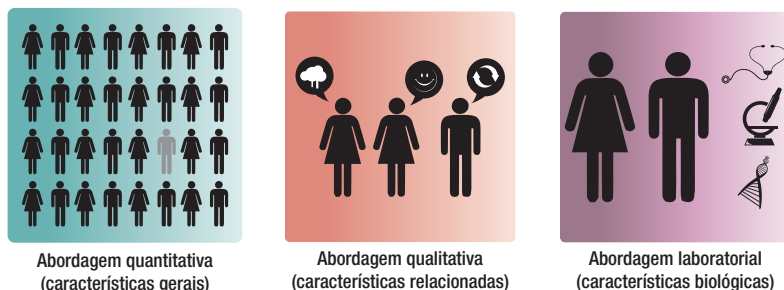


Figura 4: Abordagens da investigação científica

Então, vamos conhecer, de forma detalhada, essas três abordagens, inicialmente entendendo que todo desenvolvimento ou teste de uma teoria tem métodos e ferramentas específicas. É isso que veremos agora.

As ferramentas usadas em pesquisas têm sido, geralmente, desenvolvidas de modo a se adaptarem a uma das duas vertentes de pesquisa descritas anteriormente; medindo a repetição de características na vertente quantitativa ou imergindo nas relações humanas e de significados na vertente qualitativa (CRESWELL, 2005).

Chamamos de ferramentas os diversos instrumentos que permitem ao pesquisador coletar as informações, não se referindo exclusivamente a instrumental físico. Pode se tratar de um questionário, de uma busca de dados na internet ou até mesmo de uma entrevista com um grupo de pessoas que interessam para o tema investigado.

Veremos mais detalhes sobre os instrumentos, nas demais lições desta unidade.

Pesquisa Experimental

A pesquisa experimental é frequentemente chamada de “estudo de intervenção” ou de “comparação de grupos”. São investigações em que o impacto de determinada intervenção é medida em determinado grupo, enquanto não se aplica em outro para que se possa compará-los.

Esse tipo de pesquisa é usado para estabelecer uma relação entre causa e efeito, controlando as variáveis que podem interferir no fenômeno investigado de modo que cada causa possa ser atribuída a um efeito. Por essa característica, a pesquisa experimental é indicada para realizar ensaios clínicos de novos fármacos.

Sua validade depende de alguns fatores, tais como:

- 1) da escolha aleatória (ao acaso) dos participantes de ambos os grupos que estão sendo comparados;
- 2) da quantidade de controle que se exerce sobre os fatores externos (ou seja, a forma como as condições de tratamento são manipuladas);
- 3) do que é medido como resultado; e
- 4) de como os grupos experimentais são comparáveis de fato.

A grande crítica existente aos experimentos dessa natureza é sua fragilidade em simular as condições reais em que os indivíduos se encontram, justamente porque partem da necessidade de controle de variáveis.

Pesquisa Quantitativa

Nessa forma de pesquisa, os dados são coletados a partir de medidas ou contagens, que podem ser analisados estatisticamente. O processo de pesquisa quantitativa segue procedimentos padrões, métodos, formas de análise e de apresentação dos resultados da investigação realizada, conforme veremos no transcorrer da presente unidade.

A padronização na pesquisa quantitativa procura ampliar a objetividade.

Os métodos estatísticos empregados permitem a comparação estatística e a generalização, empregando amostragem aleatória

e questionários com respostas pré-determinadas, que procuram as variações entre os sujeitos da pesquisa para, posteriormente, comparar os grupos.

Segundo Minayo (2004), os métodos quantitativos permitem:

- Proporcionar uma visão ampla de toda uma população, com base em dados de um grande número de pessoas ou casos sobre um conjunto limitado de questões;
- Identificar diferenças importantes nas características ou condições que afetam a população;
- Determinar se existe uma relação estatística entre um problema e uma causa aparente.

Pesquisa Qualitativa

Quando o interesse do pesquisador é entender o processo social que reveste seu tema de investigação, é mais apropriado utilizar a pesquisa qualitativa. O campo de pesquisa em serviços de saúde, em particular, tem sido beneficiado, de várias maneiras, por esses métodos, já que eles contribuem para descobertas e *insights* que não podem ser obtidos por métodos quantitativos. Os métodos qualitativos, mesmo nas investigações nas áreas clínicas, permitem o entendimento de como determinada doença ou fármaco tem significado aos usuários dos serviços.

A pesquisa qualitativa destina-se à busca dos valores das pessoas, das crenças, dos entendimentos e das interpretações de eventos, ou para explicar suas ocorrências históricas.

Essas pesquisas são usadas para descrever as atitudes, as opiniões, os comportamentos ou as características de um grupo, centrando-se na vida e nas experiências dos indivíduos. É fundamental nesse tipo de pesquisa a produção de um relatório descritivo, com todas as características observadas e impressões dos pesquisadores (CRESWELL, 2005; MINAYO, 2004).

Os métodos qualitativos permitem construir, em profundidade, uma visão do assunto específico investigado, a partir da vivência das próprias pessoas envolvidas nos processos reais. Revelam em

detalhes como as pessoas percebem sua própria situação e os problemas, os porquês e quais são suas prioridades. As perguntas são abertas e os resultados são analisados com base no contexto dos sujeitos da pesquisa. Quando os métodos qualitativos são utilizados de forma sistemática, os resultados são confiáveis e objetivos, tanto quanto aqueles produzidos por métodos quantitativos.

Outra característica fundamental é que os métodos qualitativos são destinados para explorar temas, permitindo um exame mais aprofundado, mas são menos generalizáveis a uma população mais vasta quando comparado aos métodos quantitativos.

Muitos autores estão discutindo a importância e o uso da pesquisa qualitativa em farmácia, como Leite e Vasconcellos (2008). As autoras, no texto *Compreendendo a relação saúde/doença/tratamento: Estudos qualitativos em Farmácia*, discutem o porquê propor pesquisa qualitativa em farmácia e o quanto essa metodologia pode favorecer a formação do profissional no que se refere ao trabalho com o público, os usuários de medicamentos.



Ambiente Virtual

Para ler o texto na íntegra acesse o artigo disponível na Biblioteca da unidade: *Compreendendo a relação saúde/doença/tratamento: Estudos Qualitativos em Farmácia*. (LEITE, S.N.; VASCONCELLOS, M. P. C. In: O Farmacêutico na atenção à Saúde. CORDEIRO, B. C.; LEITE, S. N. (org). 2 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2008. p. 205-209).

A distância artificial entre o quantitativo e o qualitativo

Devido à natureza diferente dos processos de pesquisa das abordagens apresentadas, aparentemente existe tendência a entender que uma é superior ou mais verdadeira que a outra (CRESWELL, 2005).

No entanto, todo aquele que se dedica à pesquisa, seja em que nível for, deve ficar afastado desse pensamento. Como se destinam a finalidades diferentes, não há como valorar um método como superior ao outro. Uma possibilidade é a combinação de diferentes métodos, permitindo a complementaridade e equilibrando as limitações de cada método.

Antiga tradição de disputa entre os pesquisadores que utilizam métodos quantitativos e os que utilizam os métodos qualitativos foi uma mazela para o desenvolvimento da ciência no século XX.

A vida vivida, o cotidiano e as relações humanas caminham independente dessas divergências, apresentando aspectos que são generalizáveis a todos os membros de determinadas comunidades como particularidades para cada um de seus membros. Portanto, há aspectos interessantes para os investigadores quantitativos, assim como para os qualitativos.

Paralelamente, o mundo biológico e fisiológico, apresenta minúcias que nem os métodos qualitativos ou quantitativos conseguem traduzir cientificamente. Nesse âmbito, não há como desprezar a ciência laboratorial.

Nosso intento nesta lição foi apresentar as características e os fenômenos pertinentes a cada uma das abordagens, sem desmerecer ou priorizar qualquer uma em particular.

Esperamos que você tenha alcançado a compreensão da importância de cada uma delas, para prosseguirmos nos demais conteúdos desta unidade.

Lição 3 - A leitura como ferramenta inicial do pesquisador

Na lição 3 você terá como objetivo de aprendizagem identificar os níveis de leitura necessários para a construção de um projeto de pesquisa, bem como compreender que a leitura é um fundamento prévio para essa construção.

A relevância de um trabalho científico exige que a opção metodológica escolhida seja rigorosamente fundamentada. Desse modo, a primeira etapa de qualquer investigação refere-se à descrição clara dos motivos e importância desta.

Quanto maior o conhecimento sobre o tema investigado pelo pesquisador, mais apto ele estará para buscar suas lacunas, tornando mais relevante e aplicável sua pesquisa.

Nesse sentido, a primeira etapa de qualquer pesquisa é a leitura da literatura científica. Antes de iniciar qualquer projeto, os pesquisadores possuem interesses que os levam a procurar o caminho científico para responder suas questões.

É importante que você tenha claramente delimitadas quais são suas perguntas e questões a serem respondidas pelo seu projeto, para que, além de construir conhecimento, seu transcurso possa auxiliá-lo em questões práticas de seu cotidiano.

Nessa parte da unidade, discutiremos os passos para transformar um interesse inicial em um projeto científico, objetivando instrumentalizá-lo nesse processo.

Há que se ter em mente que o projeto de pesquisa é a organização de como será conduzida a investigação científica que você pretende desenvolver. Nesse sentido, é fundamental que cada etapa seja pensada e refletida, apresente redação clara o suficiente para que qualquer pessoa que leia seu projeto e que tenha certo embasamento técnico consiga entender o que você pretende realizar.

Ao mesmo tempo, um projeto não deve ser uma proposta fechada. Deve representar suas intenções e estar aberto às modificações que se fizerem necessárias e forem justificadas.

Leitura: a ferramenta inicial do processo de investigação científica

Muito provavelmente você possui questões que o instigam junto à gestão de assistência farmacêutica. Essas questões podem se referir a como o processo de trabalho se dá, à dispensação de medicamentos ou até mesmo à qualidade dos medicamentos empregados na instituição em que você trabalha.

Oriundo dessas questões pode-se dizer que você possui um tema que lhe interessa aprofundar seus conhecimentos para melhorar o serviço de saúde.

Grandes pesquisadores começaram seu caminho na ciência a partir de questões práticas, tanto em termos de melhoria como de problemas existentes no cotidiano, que lhes suscitavam aprofundamento.

Na medida em que o conhecimento científico evoluiu a largos passos no século XX, faz-se necessária a revisão dos trabalhos existentes na literatura científica antes de se começar um projeto. Lakatos e Marconi (1995) indicam que antes de se iniciar a construção de um projeto é recomendável que se leia as referências da temática geral de interesse.

Para esses autores, existem níveis de leitura que devem ser percorridos. Vejamos:

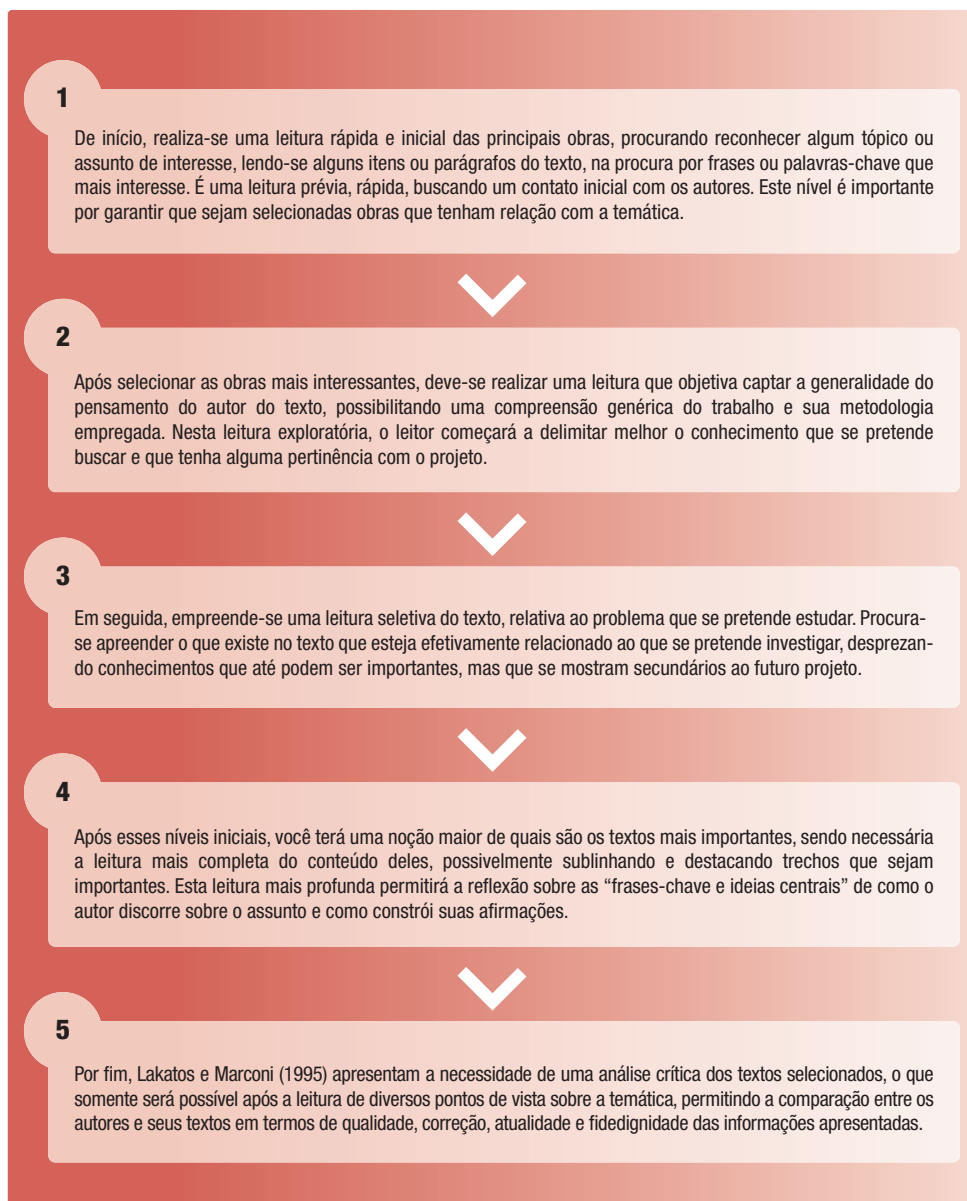


Figura 5: Níveis de leitura - revisão de referências.

Fonte: Adaptado de Lakatos e Marconi (1995).

Após este processo de leitura, você estará capacitado para interpretar as afirmações que o autor faz no texto e relacioná-las ao tema que lhe interessa. Isso permitirá que você dê profundidade e sustentação ao seu trabalho. É recomendável que nesta etapa você escreva, com suas palavras, a essência do que o autor escreveu e que lhe faz sentido, lembrando-se sempre de referir de que obra retirou o pensamento.

Bases para busca de literatura científica atualizada

Obviamente, os livros são fontes ricas de conhecimento científico, consolidando conhecimentos sobre variadas temáticas específicas. No entanto, a evolução das ciências e seus diversos campos, no século XX, apontam para fontes mais atualizadas de informações, que são os periódicos científicos, chamados comumente de Revistas.

Para se entender o porquê dessa diferença entre livros e periódicos, basta analisarmos que um livro sintetiza o conhecimento que o autor busca no momento de sua elaboração, mas apresenta um processo de editoração e lançamento que varia em média dois anos. Já os periódicos, ao lançamento de um novo número, apresentam o que de mais atual existe para cada assunto.

Para a busca bibliográfica, é crescente o desenvolvimento das chamadas bases de busca, que são endereços eletrônicos específicos que agregam periódicos científicos e disponibilizam resumos dos trabalhos a cada número lançado.

As principais bases de busca bibliográfica são as que apresentamos a seguir.

BASE DE BUSCA	IDIOMA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	ENDEREÇO
Scielo	Português, Inglês e Espanhol	Iniciativa internacional, que congrega países latino-americanos, Portugal e África do Sul, disponibilizando, gratuitamente, os principais periódicos científicos, de diversas áreas.	www.scielo.org
Biblioteca Virtual em Saúde	Português, Inglês e Espanhol	Iniciativa da BIREME, um Centro Especializado da OPAS, estabelecido no Brasil desde 1967, em colaboração com o Ministério da Saúde.	www.bvs.br
RedALyc	Espanhol	Projeto conduzido pela <i>Universidad Autónoma de Estado de México</i> (UAEM), com o objetivo de contribuir para a difusão de trabalhos científicos, com acesso livre.	http://redalyc.uaemex.mx/

continua...

continuação...

BASE DE BUSCA	IDIOMA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	ENDEREÇO
PubMed	Inglês	Iniciativa do <i>United States National Library of Medicine - National Institutes of Health</i> , considerada a principal base de busca internacional em periódicos científicos médicos.	http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed
Lilacs	Português, Inglês e Espanhol	LILACS é o mais importante e abrangente índice da literatura científica e técnica da América Latina e do Caribe.	http://lilacs.bvsalud.org/
Portal de Periódicos CAPES	Português, Inglês, Espanhol, Francês e Alemão	Biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 26 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, nove bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.	www.periodicos.capes.gov.br
Portal de Teses e Dissertações da USP	Português	Congrega todas as teses e dissertações produzidas na Universidade de São Paulo.	www.theses.usp.br
DOAJ	Inglês	Artigos e materiais de livre acesso mundiais.	www.doaj.org

Quadro 1: Principais endereços eletrônicos de pesquisa bibliográfica.

A revisão inicial da literatura sobre o tema de interesse é etapa fundamental no processo de construção de projetos científicos.

À disposição daqueles que se dedicam a essa atividade, existem diversas bases de busca bibliográficas científicas, grande parte delas em nosso idioma e com acesso livre aos periódicos e artigos científicos.

É necessário que você comece a buscar artigos, livros, teses, dissertações e todo o material que se relacione ao tema de seu interesse para entender em que ponto se encontra o desenvolvimento geral da temática.

Esperamos que o tema desta lição o auxilie nesse processo.

Lição 4 - O tema de interesse e o problema de pesquisa

Ao final desta lição você deverá ser capaz de definir tema e problema de uma pesquisa.

Segundo Minayo (1999), um projeto de pesquisa apresenta três dimensões essenciais:

- **Técnica:** caracteriza as formalidades científicas para a construção do projeto;
- **Ideológica:** relaciona-se às escolhas do pesquisador, sempre tendo em vista o momento histórico;
- **Científica:** corresponde à criação, novidade, superação do senso comum por meio do método científico.

Terminada a etapa de investigação mais geral da literatura sobre a temática que pretende desenvolver em um trabalho científico, você já apresenta uma melhor definição de quais seriam questões relevantes a serem investigadas, a partir da literatura científica lida anteriormente, referindo-se às três dimensões essenciais, apresentadas por Minayo (1999).

A próxima etapa é delimitar melhor o seu tema e, dentro deste, o problema de pesquisa que tentará responder, conforme discorreremos no item a seguir.

Definindo o tema de pesquisa

Uma primeira dica sobre esta etapa é que você deve escolher algum tema que seja de seu interesse, para que o processo seja desenvolvido de maneira agradável. Também é imprescindível que você escolha um tema que exija um desenvolvimento coerente com suas disponibilidades pessoais e profissionais.

Paralelamente a isso, é fundamental que o tema escolhido contribua com a melhoria do serviço de saúde a que se dedica, em especial à gestão da assistência farmacêutica, apresentando importância teórica e prática, baseada no conhecimento científico e na relevância social que sua investigação possa construir.

Muitas dessas questões estarão contempladas em seu projeto, se você conseguir delimitar bem o assunto escolhido, com caracterização clara da perspectiva que utilizará.

Ressaltamos que o tema do projeto deve ser viável em termos de execução e disponibilidade pessoal/profissional para o desenvolvimento. Como já afirmamos, a definição de seu tema de pesquisa pode surgir do seu ambiente de trabalho, do momento profissional em que você se encontra, de interesse advindo da leitura da literatura científica, entre outros.

Escolhido o assunto, a próxima tarefa a ser empreendida é estabelecer os limites de sua investigação. Quanto melhor definidos ficarem esses limites, em termos do assunto exato que você pretende investigar, mais clara ficará sua compreensão do tema e de que caminho deverá seguir para ter sucesso em seu projeto.

Eco (1989) adverte que quanto mais amplo e genérico é o tema, maior é o risco de o pesquisador não conseguir terminar o trabalho dentro do prazo estabelecido pelo curso, além de ampliar-se a dificuldade para serem encontradas referências bibliográficas que sustentem teoricamente os resultados.

Nesse sentido, ainda, outro aspecto a ser considerado é que a organização do trabalho poderá ser prejudicada, por fragilidade no foco da temática, ou seja, você poderá encontrar problemas para selecionar o que realmente relaciona-se com o tema ou aquilo que é relevante para ele. Nosso conselho nesse sentido é que você evite a tentação de propor um tema muito amplo. Restrinja seu tema.



Reflexão

É provável que você esteja se perguntando “será mesmo que eu consigo definir um tema de pesquisa?”. Esta pergunta é pertinente nesta fase dessa unidade. Você deve refletir, inicialmente, sobre a relação dos temas que você tem interesse com sua vida profissional. A partir dessa questão, identificar qual a bibliografia que você conhece sobre esse assunto e a sua afinidade com o tema. Você também deve pensar sobre os benefícios que os temas podem lhe propiciar, assim como sobre a disponibilidade de tempo a dedicar para a investigação.

Nesse sentido, há que se sugerir clareza e precisão quando for definir a temática a ser investigada. Incidindo nesse conselho, outra questão é a viabilidade institucional do tema a ser desenvolvido. Pesquisas que alteram diretamente o processo de trabalho nos serviços de saúde, em geral, causam desconforto aos envolvidos, o que prejudica sua condução. A recomendação é escolher um tema que possa ser abordado no serviço de saúde, dentro das possibilidades da instituição e da sua própria disponibilidade de tempo e conhecimento.

Escolhido o tema, seu próximo passo é definir o problema de pesquisa, que pode ser entendido como o aspecto mais relevante da temática que será investigada.

O problema de pesquisa

Para Chizzotti (1991), o problema de pesquisa está diretamente relacionado à concepção de mundo do pesquisador, na medida em que “delimitar o problema pode ser o momento mais aflitivo da pesquisa porque sua definição está conexas com a concepção que gera o problema.” (CHIZZOTTI, 1991, p. 25).

O tema é uma dimensão ampla, articulada com a sociedade. Já o problema é o recorte particular do tema, dentro da realidade investigada. De maneira mais simples, o problema de pesquisa articula o tema ao contexto de interesse do pesquisador.

Um exemplo aplicado desses conceitos é uma investigação cujo tema refere-se ao acesso a medicamentos de alto custo. Os problemas de pesquisa pertinentes podem ser: a judicialização como caminho para o acesso; o custo dos medicamentos do componente especializado para o SUS; a equidade como princípio do SUS em questões do acesso aos medicamentos de alto custo; a análise da série temporal das principais morbidades de um determinado serviço de dispensação de medicamentos do componente especializado; entre outros problemas.

Um estudo que avalie a dispensação de medicamentos do componente especializado em cidades de grande porte, em comparação com outro em cidades de médio e pequeno porte, são estudos do mesmo tema, mas com problemas de pesquisa diferentes.

Sintetizando essa ideia, um problema de pesquisa trata de uma questão ainda não resolvida ou cuja aplicação das teorias existentes em outros contextos ainda não foi realizada em um contexto particular de interesse.

Nesse sentido, os problemas de pesquisa podem ser:

De ordem prática

Quando são realizados estudos para subsidiar, avaliar ações, avaliar consequências, procurar caminhos alternativos ou prever os desfechos de determinados fatores.

De ordem intelectual

Cujo interesse é explorar e entender questões pouco conhecidas, procurar as influências de fatores sobre determinado fenômeno, testar uma teoria específica ou descrever um fenômeno de interesse.

Figura 6: Problemas de pesquisa.

Em um projeto de pesquisa, você deverá formular o problema como uma pergunta. Essa é uma maneira de refletir sobre o tema na aplicação que lhe interessa investigar. Essas perguntas devem ser claras, evitando o uso de conceitos complexos ou que precisem ser explicados para que se possa entender o que se está perguntando.

A pergunta como: “o sistema de saúde tem uma assistência farmacêutica satisfatória?” não é muito clara, pois precisa de definições prévias sobre o que é ou não é satisfatório nesse contexto, além de não revelar a que nível do sistema se refere a pesquisa. Uma pergunta de pesquisa mais refinada seria “o sistema municipal de saúde do município X (ou do serviço Y) consegue suprir as necessidades de medicamentos dos usuários hipertensos acompanhados pela Atenção Primária?”. Observe que neste último exemplo, ao ler a questão formulada, se distingue claramente qual contexto e fenômeno o projeto investigará.

Outra característica importante do problema de pesquisa é que, ao formulá-lo, o pesquisador deve ter em mente que só é problema o que é suscetível de uma solução.

Laville e Dionne (1999, p. 87) definem o problema de pesquisa como sendo “[...] um problema que se pode ‘resolver’ com conhecimentos e dados já disponíveis ou com aqueles factíveis de serem produzidos.” Ou seja, deve ser possível coletar dados suficientes para o estudo, além da existência de tecnologia/métodos adequados, com contexto claramente delimitado.

Nessa perspectiva, o projeto de pesquisa – por intermédio do problema escolhido do tema investigado – articula o conhecimento já existente sobre o tema com os dados coletados no contexto/ realidade que se está investigando.

Conceitualização

Refere-se aos limites teóricos do trabalho.

Tempo

Toda atividade de pesquisa deve estar situada historicamente.

Espaço

Relaciona-se à delimitação de contexto da pesquisa.

Unidades de observação

População/serviço pesquisado.

Contextualizações

São as características socioeconômicas, políticas e históricas definidas junto à pesquisa.

Figura 7: Critérios para a definição do problema de pesquisa.

Fonte: Soriano (2004).

Para Soriano (2004), são fundamentais os seguintes critérios na definição do problema de pesquisa (confira Figura 7 ao lado).

A boa formulação do problema de pesquisa garantirá a facilidade em definir qual será o objetivo geral do projeto, o que está diretamente relacionado a essa pergunta. Em muitos projetos, o objetivo geral é a pergunta originada do problema escolhido.

É salutar, na escolha de um problema de pesquisa, refletir-se sobre as seguintes questões (MINAYO, 1999):

- Trata-se de um problema original e relevante?
- Ainda que seja “interessante”, é adequado para mim?
- Tenho hoje possibilidades reais para executar tal estudo?
- Existem recursos financeiros para o estudo?
- Há tempo suficiente para investigar tal questão?

Outros questionamentos interessantes são sugeridos por Denzin e Lincoln (2008):

- **Atualidade do tema:** inserção do tema no contexto atual.
- **Ineditismo do trabalho:** proporcionará mais importância ao assunto.
- **Interesse do autor:** vínculo do autor com o tema.

- **Relevância do tema:** importância social, histórica, política etc.
- **Pertinência do tema:** contribuição do tema para o debate da temática.

A definição do tema e do problema de pesquisa aponta para um processo de identificação do interesse do pesquisador com seu cotidiano. Afirmamos isso porque, ao escolher determinado tema e seu problema de investigação, o pesquisador irá articular conhecimentos científicos já existentes com a vida contextualizada nos serviços de saúde.

Nesse processo, a revisão prévia da literatura científica sobre a temática permite o acesso ao desenvolvimento contemporâneo do assunto, enquanto o problema de pesquisa articulará esse escopo com a uma realidade particular.

Esperamos que os elementos e as etapas trabalhadas nesta lição o auxiliem nessa tarefa.

Lição 5 - Estruturando o projeto de pesquisa

Ao final desta lição você deverá ser capaz de elaborar as partes fundamentais de um projeto de pesquisa.

Após definir o tema e o problema de pesquisa – com sua pergunta norteadora – o próximo passo é estruturar o projeto de pesquisa propriamente dito.

Revisando o caminho empreendido até o momento, você deverá ter lido trabalhos científicos que partam de temas de interesse no seu cotidiano. Desses temas, escolhido um que sentiu mais instigante, e aprofundou leituras relacionadas, as quais lhe permitiram melhor definir o tema e articulá-lo com o contexto que lhe interessa, por meio da pergunta de pesquisa escolhida. Agora, seu objetivo de aprendizagem é conhecer e compreender as partes fundamentais do projeto.

Um projeto de pesquisa pode ser entendido como um documento, que informa de onde partiu determinada investigação e o caminho que se propõe seguir para obter os resultados referentes à pergunta de pesquisa eleita pelo investigador.

Elementos de um projeto de pesquisa

Para sua formalização, são elementos do projeto de pesquisa (MINAYO, 2004; LAKATOS; MARCONI, 1995; LUDKE; ANDRÉ, 1986):

Introdução

- Seção em que o levantamento de literatura inicial, juntamente com o tema de pesquisa, assim como a justificativa para a investigação, leva o leitor do projeto a entender os fundamentos teóricos e aspectos cotidianos que tornam relevante o projeto. A introdução claramente deve construir as bases teóricas e suas relações com o problema a que se propõe o projeto. Sinteticamente, a introdução apresenta o porquê, para quê e para quem se vai realizar a pesquisa.

Objetivos

- Nesta parte do projeto, consta o objetivo geral (problema de pesquisa) e os objetivos específicos, que são objetivos menores, que pretendem tornar mais claro o objetivo geral. Uma observação importante para essa seção do projeto é não registrar como objetivo específico os procedimentos que serão utilizados, os quais devem constar do próximo elemento do projeto (metodologia).

Metodologia ou Percurso Metodológico

- Trata da definição de onde, como, com que, com quanto e quando fazer o projeto, ou seja, aponta suas opções metodológicas ou caminhos/procedimentos de pesquisa, que permitirão encontrar resultados para responder aos objetivos da pesquisa. Nessa seção do projeto é fundamental contextualizar o universo a ser investigado minuciosamente, detalhando ao leitor, rigorosa e exatamente, todos os procedimentos que serão realizados no trabalho de coleta de dados. São elementos imprescindíveis da metodologia: a população/serviço que será investigada; o local da realização da pesquisa; as técnicas e os instrumentos de coleta e os dados que pretende obter; como será desenvolvida a organização, o tratamento e a análise dos resultados; e os aspectos éticos envolvidos, caso seja pertinente a sua pesquisa.

Cronograma

- É a definição passo a passo de todas as etapas da execução do projeto, indicando o tempo necessário para cada uma delas.

Orçamento

- É necessária a descrição detalhada da previsão dos gastos com a realização da pesquisa.

Referências bibliográficas

- Todas as obras consultadas (livros, artigos, teses etc) devem ser citadas nas seções anteriores do projeto e, necessariamente, devem constar da presente, conforme a normatização adotada no curso.

Apêndices e Anexos

- Os instrumentos de entrevista, termos de consentimento livre e esclarecido, protocolos de pesquisa, documentos de interesse, e o que mais for interessante para a perfeita compreensão do projeto a ser desenvolvido, mas que não são pertinentes às seções anteriores, podem ser inseridas nesta. Do apêndice faz parte um texto ou documento elaborado pelo próprio autor, enquanto no anexo incluem-se aqueles cuja autoria é de outrem, tal como um questionário desenvolvido por algum outro pesquisador e que será aplicado no projeto.

Você viu a estrutura dos elementos do projeto de pesquisa proposta pelos autores. Mas, como escrever? São as orientações apresentadas a seguir.

Sobre a redação do projeto de pesquisa

Obviamente cada pessoa apresenta um estilo próprio para redigir textos. Mesmo em trabalhos acadêmicos, essa característica é fundamental por possibilitar certa identidade com o autor. No entanto, algumas dicas são interessantes, por padronizar alguns elementos de estilo, conforme a literatura científica atual é padronizada (GIL, 1995).

- A grande maioria dos textos acadêmicos é redigida em terceira pessoa, garantindo certa impessoalidade;
- Deve ser evitado o uso da voz passiva, preferindo-se a objetividade e o uso da ordem direta nas frases (sujeito/verbo/predicado);
- Devem ser evitadas ambiguidades;
- Preconiza-se a clareza, sendo fundamental o uso de argumentos apoiados em pesquisa;
- Deve-se evitar o uso de adjetivos que sejam imprecisos (pequeno, médio, grande), que não indiquem claramente a proporção do que se está afirmando (quão pequeno? quão grande?);
- Deve-se evitar o uso de expressões como “quase todos”, “boa parte”;
- Deve-se evitar o uso de advérbios que não explicitem tempo ou lugar, tais como, “recentemente”, “antigamente”, “alguns”, “provavelmente”;
- O texto no seu todo deve apresentar sequência lógica e ordenação das ideias;
- A mudança de parágrafo, em geral, indica a mudança de assunto;
- Os parágrafos devem articular-se para que o texto tenha uma sequência coesa;
- Períodos longos devem ser evitados, porque prejudicam a compreensão do texto;
- Preconiza-se a redação simples e objetiva;
- Não devem ser empregados modismos ou termos e expressões complexas para substituir termos comuns;
- Nunca devem ser utilizados termos coloquiais ou gírias.

Outra sugestão referente ao estilo refere-se ao emprego de alguns verbos próprios para indicar os objetivos dos projetos, conforme seguem:

VERBOS PARA OBJETIVOS DE PROJETOS		
Analisar	Constatar	Enumerar
Apontar	Definir	Especificar
Arrolar	Demonstrar	Examinar
Avaliar	Descrever	Identificar
Classificar	Destacar	Observar
Comparar	Discutir	Relacionar

Quadro 2: Verbos para objetivos de projetos.

Os elementos de um projeto de pesquisa foram trabalhados nesta lição, porém é fundamental que você tenha clareza quanto a que se destinam esses itens, para que, na construção de uma investigação, haja adequação às suas funções.

Um projeto é um plano de intenções de pesquisa, detalhando ao leitor as etapas da investigação, minuciosamente, conforme foram trabalhadas nesta lição.

Seguindo os preceitos apresentados, o projeto terá validade formal assim como uma grande chance de sucesso.

Lição 6 - Técnicas de pesquisa em saúde

Ao final desta lição você deverá ser capaz de compreender a diferença entre método, técnica de coleta e técnica de análise em pesquisa qualitativa e conhecer os principais tipos de métodos.

Uma preocupação habitual para todos aqueles que começam a pesquisa é “serei capaz de fazer um bom trabalho científico?”.

Os primeiros passos para conquistar esse padrão já foram descritos nas lições anteriores dessa unidade. Nessa lição, discutiremos mais alguns, referentes às técnicas e aos métodos para condução de seu trabalho.

O primeiro aspecto a ser refletido diz respeito a qual abordagem você pretende utilizar, em termos de pesquisa **quantitativa** ou **qualitativa**, uma vez que pesquisa experimental não lhe será pertinente, considerando as características da presente especialização.

Na gestão da assistência farmacêutica, aspectos quantitativos e qualitativos são vivenciados cotidianamente. Conforme Creswell (2005), a divisão entre ambos é apenas acadêmica e artificial, vez que ambos os aspectos acontecem concomitantemente na vida cotidiana. Em termos quantitativos, podemos pensar nas morbidades mais assistidas por determinado serviço, nos fármacos mais e menos

indicados para cada uma delas, no perfil dos usuários, entre outras características. No que se refere aos aspectos qualitativos, podemos observar características como a percepção dos trabalhadores sobre as relações institucionais, suas relações de poder, as opções da gestão na condução dos processos, e assim por diante.

Em saúde, os métodos quantitativos são os empregados em Epidemiologia. Não trabalharemos esses métodos nesta parte do curso, uma vez que existe uma unidade específica na qual essa ciência é pormenorizada. No Módulo 4 – Serviços farmacêuticos, você estudará mais o assunto na unidade 1 – Uso de ferramentas da epidemiologia na assistência farmacêutica.

Desse modo, trabalharemos aqui especificamente as técnicas e os métodos qualitativos.

O mais importante não é defender a opção pela metodologia quantitativa ou pela metodologia qualitativa. O fundamental é entender que ambas são importantes, têm sua aplicação e que a opção metodológica correta reflete a delimitação precisa do fenômeno a ser investigado.

O método deve submeter-se ao objeto, ou seja, para cada tema e pergunta de pesquisa a escolha do método deve ser adequado a estes, e não o contrário.

A pesquisa qualitativa, conforme já afirmado na primeira parte da presente unidade, tem por característica fundamental a busca pelo significado dos processos para aqueles que os vivenciam, em direção à compreensão do contexto do problema.

A descrição pormenorizada dos processos vivenciados, as experiências e os significados para os sujeitos de pesquisa é outra característica do método qualitativo.

Na medida em que o pesquisador vai a campo levantar as informações sobre o fenômeno de interesse, todos os dados (previstos ou não) devem ser registrados para possibilitar uma descrição completa do que encontrou.

Um cuidado a ser tomado é ter em mente que os depoimentos dos entrevistados sempre devem ser analisados e discutidos na perspectiva dos sujeitos, junto à contextualização sobre os aspectos históricos e o espaço social em que se inserem no momento da pesquisa.

O pesquisador que opta por utilizar metodologia qualitativa deve ser flexível com relação às suas expectativas iniciais quando da construção do projeto, uma vez que o cotidiano investigado pode apresentar manifestações próprias, que não foram previstas inicialmente. Essa é uma das riquezas da metodologia qualitativa, já que o fluxo dos resultados parte da vida vivida e de suas relações, não sendo possível prevêê-los *a priori*.

Assim sendo, é fundamental que o pesquisador tenha construído um aporte conceitual/teórico sólido sobre o tema, permitindo que faça as articulações entre este e os dados que emergem do campo de pesquisa.

Antes de aprofundarmos o tema, é importante termos em mente a diferença entre métodos, técnicas de coleta de informações e técnicas de análise em pesquisas qualitativas.

O método refere-se ao delineamento da pesquisa, ao passo que as técnicas são as formas de coleta de informações, enquanto as análises referem-se aos diferentes caminhos tomados para a organização e o tratamento das informações coletadas.

Os principais delineamentos utilizados em pesquisa qualitativa são os estudos de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante.

Com relação às técnicas de coleta de informações mais empregadas, podemos mencionar as entrevistas, os grupos focais, a observação e a análise documental.

As técnicas de análise mais utilizadas são: análise de conteúdo, teoria fundamentada, análise de discurso e hermenêutica-dialética.

Cabe ressaltar que pelas características próprias da pesquisa qualitativa, seus dados referem-se ao fenômeno investigado em profundidade. Dessa forma, não é possível generalizar os achados para todos os demais fenômenos semelhantes.

Nesta lição, estudaremos as principais metodologias de investigação qualitativa, enquanto que na lição 7 estudaremos as técnicas de coleta e de análise de informações.

Métodos em pesquisa qualitativa

Na medida em que a finalidade da pesquisa deve ser bem delimitada para alcançar seus objetivos, escolher a metodologia adequada mostra-se fundamental.

Um **estudo de caso** se caracteriza pela avaliação detalhada de poucas unidades, aprofundando suas características e detalhando os processos. É um tipo de método interessante em pesquisas de avaliação ou de fenômenos pouco conhecidos.

A investigação se dá *in loco*, e abrange, desde o planejamento, as técnicas de coleta e as abordagens de análise dos dados, objetivando a análise situacional.

Chizzotti (1991) afirma que o estudo de caso segue-se em quatro fases:

- a) **Plano de pesquisa:** estabelecimento dos objetivos e das questões a serem investigadas, negociando-se com os envolvidos o acesso aos dados, às pessoas e aos lugares.
- b) **Trabalho de campo:** coleta de informações propriamente dita.
- c) **Organização de registros:** todas as informações são catalogadas e organizadas para auxiliar no tratamento das informações.
- d) **Redação do relatório:** descrição do material coletado, sistematizando as informações.

Pesquisa-ação é uma metodologia participante, mas que parte de um problema de interesse dos próprios sujeitos investigados (BRANDÃO, 1983). O processo exige que seja realizada uma ação ou resolução do problema eleito, de forma que o projeto é uma intervenção sobre a realidade pesquisada.

Desde a elaboração do projeto, a execução, o tratamento dos dados e a avaliação, pesquisadores e sujeitos participam em conjunto de todos os processos.

Já a **pesquisa participante** é um tipo de pesquisa em que o pesquisador cria um processo que permite a produção de conhecimento e modificação da realidade a partir da compreensão e da intervenção dos próprios sujeitos. Detém um caráter político-ideológico de mudança a partir do conhecimento popular (BRANDÃO, 1984).

Nesta lição trabalhamos os principais métodos de investigações qualitativas em saúde. O tema não se esgota nesses métodos, mas acreditamos que esse estudo inicial permitiu sensibilizar você para a existência de detalhes metodológicos adequados a cada investigação científica específica.

Lição 7 - As técnicas de coleta e de análise de informações em pesquisa

Ao final desta lição você conhecerá as principais técnicas de coleta e de análise de informações em pesquisa qualitativa.

Um projeto de pesquisa bem estruturado fundamenta-se em uma ampla revisão do conhecimento científico contemporâneo sobre a temática, em uma definição clara do problema que irá investigar e em um delineamento correto em termos metodológicos. Nesse ínterim, como serão desenvolvidas as etapas de coleta de informações, os instrumentos e as técnicas adotadas também é importante. Outra minúcia requerida é a descrição ampla de como as informações coletadas serão analisadas, deixando claro ao leitor do projeto qual o *continuum* da investigação, desde a sua concepção teórica às etapas finais de análise, construindo um raciocínio lógico que sustente a relevância e o caráter científico do projeto.

Nesta última lição discutiremos os aspectos referentes às principais técnicas de coleta e de análise de informações qualitativas em saúde.

Técnicas de coleta de informações em pesquisa qualitativa

A **entrevista individual** é a técnica em que o investigador, perante o informante, formula questões relativas ao seu problema, as quais são padronizadas através de um roteiro elaborado a partir das proposições que o estudo enseja, de forma a ter uma linha mestra sobre como coletar as informações dos diversos informantes, mas também coletando informações não previstas inicialmente, de caráter complementar, explicativo ou inesperado (MINAYO, 1999; 2004).

Conceitualmente é o produto dinâmico da interação entre o mundo que os entrevistados trazem em si - o indivíduo não representa a totalidade das características do grupo a que pertence, mas traz consigo traços comuns aos demais integrantes de seu grupo - e o mundo do pesquisador-entrevistador, momento no qual se confronta a realidade concreta com as hipóteses e os pressupostos pertinentes à proposição da pesquisa (MINAYO, 1999; 2004).

O uso das entrevistas individuais, utilizando roteiro de questões semi-estruturadas, revela seu valor ao não determinar as respostas para cada uma das questões formuladas pelo pesquisador, possibilitando se coletar o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa e não as opções oriundas da visão do próprio pesquisador, como no uso de questionário. Através das entrevistas individuais garante-se a perspectiva individual sobre determinada problemática.

A técnica denominada de **grupo focal** trata de entrevistas realizadas coletivamente, em grupo, cujo registro produz não apenas a fala dos indivíduos que se alternam na verbalização de seus pensamentos, decorrentes das questões provocadas pelos condutores da atividade, mas, sim, se trata de um produto coletivo, de sentido mais amplo, sendo útil em situações complexas, envolvendo diversos atores e perspectivas (MINAYO, 2004).

Sua relevância está na interação entre o grupo, por se constituir como uma entrevista dinâmica, em que as perspectivas individuais se convergem e divergem de posicionamento sobre as questões propostas, permitindo levantar não apenas as diferentes perspectivas de determinada temática, mas também a interação dessas perspectivas. A técnica apresenta importância e singularidade na medida em que essa dinâmica, entre os diversos olhares do mesmo tema, poderia ser menos acessível sem a comunicação e interação na forma de grupo.

Para a operacionalização dessa técnica, a literatura sugere a utilização de um roteiro de questões pertinentes à temática trabalhada no cômputo da pesquisa, as quais devem servir como ativadores das discussões, contendo os diversos questionamentos acerca da temática investigada.

Para ambas as técnicas, a literatura aponta a necessidade de identificar características ímpares que norteiem o estabelecimento dos critérios de inclusão dos sujeitos, devendo-se obedecer à premissa da existência de, pelo menos, uma característica comum e de interesse, determinada pelo objetivo da investigação. A amostra é considerada intencional, portanto.

Na análise dos grupos focais, o material produzido deve ser considerado como um produto coletivo e não oriundo do indivíduo, visando fornecer tendências, padrões ou parâmetros a partir dos comentários selecionados, assim como opiniões mantidas e expressas frequentemente, destacando-se as falas que estejam relacionadas às questões norteadoras para constituírem categorias. Assim, prepondera o caráter coletivo como unidade de análise, a partir da construção do produto, não sendo indicada para determinar os pontos de vistas autênticos dos indivíduos, mas, sim, o que é possível construir frente ao outro e aos outros.

Na etapa da interpretação, o produto final, depois de tratado, será confrontado com os pressupostos do marco teórico que originou a pesquisa, tomando-o como parâmetro para análise. Cabe ressaltar que, na medida em que o produto dos grupos focais apresenta o caráter coletivo já referido, opta-se por não identificar os sujeitos na apresentação dos resultados, mas a que grupo focal pertencem.

As informações oriundas das entrevistas individuais devem ser tratadas da mesma forma que as do grupo focal, através das etapas para o estabelecimento de categorias, conforme a literatura científica pertinente à técnica. No entanto, ressalta-se que, diferente do caráter coletivo dos grupos focais, o produto originado nas entrevistas individuais é pertinente ao próprio entrevistado, portanto, há a necessidade de identificar as falas e os respectivos sujeitos que as formularam, pois revelam a dimensão individual sobre a temática investigada.

Com relação à **observação participante**, trata-se de um tipo de método que tem como finalidade levantar como os processos investigados se dão dinamicamente, na ação propriamente dita, imergindo no empírico, avaliando ações, relações e evasivos da atividade cotidiana (DANNA; MATOS, 1982). Pelo fato de que o investigador se insere no contexto e, pela simples presença e mesmo pelas questões que levanta por ali estar, considera-se esse tipo de técnica como promotora de certa intervenção nas condições em que os contextos se dão, de forma que o investigador participa mais ou menos dos processos durante o levantamento de informações (MINAYO, 2004, 1999).

A **observação participante** é uma técnica que requer um cuidado prévio, de forma que os procedimentos de observação sejam padronizados, utilizando-se roteiros em que os principais pontos a

serem observados estejam demarcados. No entanto, o processo de observação não deve ser formalizado demasiadamente, já que o pesquisador imerge no empírico justamente para levantar perspectivas previstas, assim como as peculiaridades dos processos investigados, que somente emergirão na prática cotidiana. A literatura sugere intercalar diálogo entre pesquisador e sujeitos com a observação anotada, o que é chamado de Diário de Campo.

A **análise documental** é uma das mais importantes técnicas empregadas em saúde. Documentos são fontes de informações, que podem se constituir de legislação, prontuários, cartas, jornais, entre outros. Ludke e André (1986) conceituam os documentos como emblemas das práticas sociais, fornecendo informações sobre as decisões tomadas, bem como o caráter histórico de eventos sociais que podem estar indisponíveis para o pesquisador em outras técnicas qualitativas.

É fundamental definir quais documentos possuem informações importantes para a investigação do fenômeno de interesse.

Na análise documental, o pesquisador deve estabelecer um roteiro para avaliação do documento, com questões claras que o ajudem a organizar as informações.

Técnicas de análise em pesquisa qualitativa

A técnica de **análise de conteúdo** busca nos depoimentos organizar os dados através de unidades léxicas (palavras significativas) ou categorias (classes de dados definidos por uma expressão ou palavra). É uma técnica de pesquisa adotada para a descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que permite obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens.

Bauer (2004) defende que a técnica de análise de conteúdo apresenta três etapas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados e interpretação.

Na primeira etapa organiza-se o material, realizando leitura flutuante, criando hipóteses, objetivos e elaborando indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (BAUER, 2004).

A **análise de discurso** é uma técnica focada na articulação da linguagem com a ação. Para essa técnica, todo discurso possui um sentido porque a linguagem é uma unidade de interação social. Existem diversas abordagens dessa técnica, mas é comum a todas que a linguagem não é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, ela possui uma importância central na construção da vida social.

Na análise de discurso, procura-se examinar as intenções e os comportamentos dos interlocutores, sem julgamentos pessoais, mas articulando o que é dito, sobre quem e para quem. É necessária a entrevista com todos os atores sociais envolvidos, para se ter as múltiplas perspectivas políticas do assunto.

Em relação à técnica denominada de **teoria fundamentada** (*Grounded Theory*), entre as diversas abordagens qualitativas, ela é considerada um método aberto, na medida em que procura padrões e categorias a partir do ponto de vista e da teoria daqueles que vivenciam o fenômeno investigado. Aplicam-se as técnicas de coleta de informações que forem mais adaptadas ao objeto e que permitam a apreensão dos conteúdos significativos para a pesquisa.

É fundamental que o pesquisador responsável pelo tratamento das informações faça um exercício de abstrair-se das hipóteses pré-concebidas, procurando a teoria de fundo empírico, no conceito dos próprios entrevistados ou do material utilizado como insumo para análise.

Os significados, as vivências, expressões e práticas inerentes ao material empírico servem de sustentação para a construção conceitual, em um caminho metodológico diferente das análises de conteúdo e de discurso, as quais se pautam na busca a partir de teorias elegidas progressivamente pelo pesquisador.

A *Grounded Theory* vai na dimensão inversa. Parte da teoria dos dados para, *a posteriori*, compará-la com a fundamentação teórica que o pesquisador elegeu. Nesse sentido, em termos de avaliação de serviços de saúde, segundo Glaser (1978), é uma importante e inovadora ferramenta, por dar voz ao empírico e depois realizar a valoração com base no modelo adotado na pesquisa.

Essa técnica segue um percurso de codificação, delineamento de categorias e estabelecimento de conexões (GLASER, 1978). As comparações devem acontecer em três momentos principais: **(1)** as informações são comparadas entre si, procurando padrões de similaridades e variações peculiares; **(2)** os conteúdos provenientes do primeiro momento são comparados a outros dados e padrões, construindo propriedades e hipóteses emergentes, através da elaboração teórica, da saturação de informações (reincidência de padrões), da densificação e da construção de outros conceitos; **(3)** o produto do momento anterior é comparado entre si, buscando aperfeiçoamento, nivelamento e integração, pelas hipóteses construídas no processo.

Um procedimento fundamental nas etapas avançadas da análise por *Grounded Theory* é a elaboração de diagramas. Por se constituírem como representações gráficas, eles têm o potencial de emblematizar as relações entre os conceitos, além de representar graficamente a densidade e a complexidade da teoria emergente.

A articulação teórica entre as categorias, revisão, organização e integração, com base nos memorandos, permite a ordenação, a partir da qual se estabelece a teoria em termos textuais. Com os conteúdos que se acumulam sobre o fenômeno, passa-se para a integração durante o processo final, redigindo a teoria e seus componentes.

Por fim, a técnica de análise denomina **hermenêutica-dialética** nasce do debate filosófico entre Gadamer e Habermas. Stein (1987) afirma que a hermenêutica e a dialética convergem nos aspectos da importância da linguagem e sua significação; também da inexistência

de imparcialidade na ciência. Para esse autor, o rompimento de ambos os caminhos do pensamento com a tradição positivista é imenso, além de que sua união permite a compreensão crítica dos processos sociais.

Com essa abordagem, a interpretação pode se constituir como processo de crítica às contradições da sociedade e para transformá-la, em movimentos complementares. “O método dialético e o método hermenêutico se relacionam através de um contato que não se constitui ao modo de fundante e fundado” (STEIN, 1987, p.107).

Minayo afirma que a complementaridade da hermenêutica e da dialética é importante no sentido da “produção de racionalidade em relação aos processos sociais e, por conseguinte, em relação ao processo saúde-doença” (MINAYO, 2004, p.104). Também Stein (1987, p.131-2) caminha nesse sentido, defendendo que:

Dialética e hermenêutica são a afirmação extrema do significado prático da razão humana, no seu sentido mais forte. Não simplesmente porque esses dois métodos têm a práxis como objeto, mas porque não há práxis no seu sentido pleno sem que pressuponha os horizontes do pensamento dialético e hermenêutico.

A possibilidade de interpretação dialética dos fenômenos não desobriga o uso da hermenêutica dialética de procedimentos metodológicos. Nesse sentido, a presente proposta de modelo fundamenta-se na tradição da pesquisa qualitativa em que existem alguns procedimentos comuns às demais opções metodológicas desta vertente.

Três princípios fundamentam essa técnica de análise (CAMPOS; RODRIGUES; MORETTI-PIRES, 2011):

- A interpretação é um ato relacional entre empírea e pesquisador, mediado pela comunicação – a leitura e a interpretação dos dados são contextuais, sendo mediada pelo texto/forma de registro, mas não é absoluta e nem realista, sendo produto da interação entre texto/registo e intérprete. O produto da pesquisa é a interpretação, que não é a verdade em si, mas uma leitura da interação entre pesquisador e informações da empírea – mesmo que os resultados da pesquisa não apresentem um caráter de verdade, sendo interpretativos, e como tal, fruto da interação de forças e interesses.
- Modulando o explícito, há componentes implícitos tão ou mais importantes que os primeiros – desvelar os sentidos e as direções das forças que modulam o discurso e a interpretação é fundamental e, muitas vezes, mais enriquecedor para o entendimento do fenômeno, do que o conteúdo explícito por si mesmo.

- Há historicidade e dialogicidade em todos os atos humanos – nesse sentido, o aspecto histórico está implicado tanto no objeto de pesquisa, como no intérprete e no próprio ato de pesquisar, sendo contextual.

Nesse sentido, a hermenêutica dialética é uma técnica de análise que tem como fases a leitura e a categorização das informações, a interpretação das categorias na perspectiva do pesquisador, a problematização histórica dos resultados e, por fim, a tentativa de superação através da crítica.

Recomendações para a construção de instrumentos de coleta de informações

Ao se construir um roteiro de entrevista ou um roteiro para análise documental, é fundamental ter em mente quais são as características conhecidas do problema de pesquisa a ser investigado.

Pode-se, inclusive, criar uma lista com essas características para facilitar a construção das questões.

Após essa etapa, transformam-se essas características em perguntas, as quais devem ser claras, abertas o suficiente para que o sujeito possa responder com suas próprias palavras, mas nunca genéricas demais, ao ponto de o entrevistado ficar em dúvida sobre o que se está perguntando.

Não devem ser utilizadas questões ambíguas, ou que deem margem a múltiplas interpretações.

Outro aspecto a ser observado é o da quantidade de questões.

Uma entrevista nunca deve ter duração maior que uma hora, por tornar-se exaustiva para o entrevistado, prejudicando a qualidade da informação.

Após o estabelecimento das perguntas, é sugerido que se realize um pré-teste de avaliação, para se ter uma ideia do tempo de entrevista, assim como para conferir a compreensão das questões.

Nesta última lição percorremos os principais caminhos das técnicas de coleta e de análise de informação na pesquisa qualitativa em saúde.

A boa escolha de ambos os aspectos técnicos da pesquisa relaciona-se, diretamente, com a coleta de informações e, portanto, é imprescindível que haja certa dedicação para que fique claro o motivo e a pertinência das decisões de pesquisa tomadas pelos investigadores.

Na medida em que esses aspectos, tanto quanto os anteriores, ficarem claros e sustentados pela ciência contemporânea, seu projeto terá sucesso e os objetivos propostos no mesmo serão alcançados.

É nosso desejo que a presente lição tenha contribuído positivamente nessa contenda, acrescentando uma visão pragmática do passo a passo da pesquisa científica em saúde, na vertente qualitativa.



Ambiente Virtual

Concluímos os estudos dessa unidade. Acesse o AVEA e confira as atividades propostas.

Análise crítica

Caro especializando, com o término do conteúdo desta unidade, é fundamental que retomemos alguns conceitos e perspectivas.

Um projeto de pesquisa é encarado como uma atividade exclusiva da universidade ou da indústria farmacêutica. No entanto, é uma ferramenta importante, que pode dar sustentação a mudanças nos serviços de saúde. Dessa forma, é premente que os profissionais de saúde se valham de sua utilização, ganhando argumentos estratégicos para a defesa dos direitos à saúde e a melhorias do SUS.

Nossa intenção é lhe possibilitar uma visão histórica, social e técnica em termos do que é ciência e de suas ferramentas. E não há como negar que a aparente dissociação entre o “fazer ciência” e a vida vivida tem intencionalidade, uma vez que a pesquisa científica é um instrumento poderoso à disposição de quem se dedica a construir uma sociedade melhor.

Há um conteúdo político na atividade de pesquisa e na ciência. Ao ressaltar um pretensu caráter de verdade apenas nas ciências

laboratoriais, em detrimento das ciências humanas e sociais, há uma intencionalidade que não pode escapar de nosso horizonte: quem faz a ciência laboratorial? A quem serve a ciência laboratorial? Em que medida a ciência laboratorial garante autonomia aos cidadãos?

Nesse sentido, esperamos que o presente conteúdo lhe possibilite não apenas olhar os avanços científicos com olhar crítico, mas, principalmente, o instrumentalize para possibilitar avanços em termos do SUS e da Gestão da Assistência Farmacêutica.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, C.R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983
- BRANDÃO, C.R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMPOS, D. A.; RODRIGUES, J.; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa Qualitativa em Saúde Coletiva como instrumento de transformação social: uma proposta metodológica fundamentada na postura hermenêutico-dialética. **Saúde & Transformação Social**, 2011 (no prelo).
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- COHEN, L.; MANION, L. **Research methods in education**. London: Routledge, 1994.
- CRESWELL, J.W. **Designing and conduction Mixed Methods Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.
- DANNA, M.F.; MATOS, M.A. **Ensinando observação: Uma introdução**. São Paulo: Edicon, 1982.
- DEMO, P. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Collecting and interpreting qualitative materials**. Thousand Oaks: Sage Publication, 2008.
- ECO, H. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GLASER, B. **Theoretical sensivity**. Mill Valley: Sociology Press, 1978.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1995.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, S. N.; VASCONCELLOS, M. P. C. Compreendendo a relação saúde/doença/tratamento: Estudos Qualitativos em Farmácia. In: **O Farmacêutico na atenção à Saúde**. CORDEIRO, B. C.; LEITE, S. N. (org). 2 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2008. p. 205-209.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MILES, M. B.; HUBERMAN, M. A. **Qualitative data analysis**: an expanded sourcebook. Thousand Oaks (California): Sage Publications, 1994.

MINAYO, M. C. S. **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: HUBITEC-ABRASCO, 1999.

SORIANO, R. **Manual de Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

STEIN, E. Dialética e Hermenêutica: uma controvérsia sobre método e filosofia. In: HABERMAS, J. **Dialética e Hermenêutica**. São Paulo: L&PM, 1987.

VIDOR, A. C.; FISHER, P. D.; BORDIN, R. Utilização dos sistemas de informação em saúde em municípios gaúchos de pequeno porte. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 1, p. 24-30, 2011.

Autor

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Tem graduação, mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo. É especialista em Saúde da Família (USP/Ministério da Saúde) e pós-doutor em Pesquisa no Fenômeno de Álcool e Drogas pela CICAD/OEA/SENAD/USP. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC e editor chefe da revista “Saúde & Transformação Social / Health & Social Change” (ISSN 2178-7085).

<http://lattes.cnpq.br/5045216268657919>